

Panorama da Ovinocultura no Estado de São Paulo

Francisco Armando de Azevedo Souza¹
Marcos Aurélio Lopes²
Fabiana Alves Demeu²

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi traçar o panorama da ovinocultura paulista envolvendo diferentes aspectos, visando contribuir com informações mais condizentes para todos os elos da cadeia produtiva da ovinocultura. Utilizou-se um questionário qualitativo semi-estruturado contendo seis questões, aplicado em abril de 2005. Foram analisadas as respostas de 48 questionários respondidos por três varejistas do setor de carnes, três produtores, 14 técnicos criadores (agrônomos, médicos veterinários, zootecnistas) e 28 técnicos (agrônomos, médicos veterinários, zootecnistas) atuantes na área da ovinocultura. Os resultados mostraram que a raça predominantemente criada foi a Santa Inês, e o sistema de produção mais empregado foi o semi-intensivo, com ciclo completo. Os resultados mostraram também que: a área destinada à criação foi muito variável; houve indefinição quanto ao sistema de comercialização; não houve criação de muitos postos de trabalho; a atividade ainda foi recentemente implantada no Estado de São Paulo; e que os softwares básicos têm sido pouco utilizados para auxiliar no controle dos rebanhos, bem como para auxiliar nas tomadas de decisões administrativas.

Palavras-chave: Agronegócio, ovinos, sistemas de produção.

ABSTRACT

Current scenario of Sheep Raising in the State of São Paulo

The objective of this research was to trace the scenario of São Paulo sheep raising industry involving different aspects, aiming to contribute with information more consistent with all the links of the sheep productive chain. A qualitative semi-structured questionnaire containing six questions was applied in April of 2005. A total of 48 questionnaires answered by three retail dealers, three raisers, 14 raising technicians (agronomists, veterinary physicians and animal scientists) and 28 technicians (agronomists, veterinary physicians and animal scientists) acting in the area of sheep production were analyzed. Results showed that the predominant breed reared was Santa Inês and the most employed raising system was semi-intensive with a complete cycle. It was also found that the area intended to raising was highly variable; marketing system was undefined, there was no creation of many jobs and the activity has been recently implanted in the state of São Paulo. The basic softwares have been little used to assist in herd control as well to help in management decision making.

Key words: Agribusiness, sheep, production systems.

Recebido para publicação em agosto de 2006 e aprovado em setembro de 2008

¹ Universidade Estadual do Norte do Paraná, UENP. Faculdade de Medicina Veterinária. Rodovia BR 369, Km 54. Cx. P. 261. 86360-000 Bandeirantes-PR. Bolsista Sênior (CNPq). E-mail: franciscoasouza@hotmail.com

² Universidade Federal de Lavras - UFLA - Departamento de Medicina Veterinária. Cx. P. 37. 37200-000 Lavras - MG. e-mail: malopes@ufla.br; fabianademeu@bol.com.br

INTRODUÇÃO

A ovinocultura brasileira está atravessando acelerado processo de transformação em virtude da globalização da economia e formação do Mercosul. No setor produtivo, as relações de troca têm passado por modificações profundas, de modo que o preço da carne passa a ser regido pela qualidade do produto. Assim sendo, o produtor brasileiro está procurando se adaptar a esta nova realidade, aperfeiçoando os sistemas de produção, e visando a qualidade, a quantidade e a entrega constante de cordeiros, principalmente para as grandes redes de distribuição de alimentos.

No Estado de São Paulo, a cadeia produtiva da cana-de-açúcar prossegue em contínua expansão, deixando para outras atividades agropecuárias pequenas áreas remanescentes desse processo de crescimento. Além desse fato, as propriedades rurais paulistas estão reduzindo de tamanho pelo processo sucessório das famílias. Segundo o SEBRAE (2005), dos sete milhões de propriedades rurais no País 6,5 milhões são de pequeno porte e representam 25% da área total. Assim, a ovinocultura pode ser uma alternativa de negócios para os pequenos produtores rurais.

A produção mundial de carne ovina girou em torno de 12.800.000 toneladas/ano (ANUALPEC, 2000), sendo o mercado internacional abastecido pelos países do Mercado Comum Europeu e Nova Zelândia, onde existem sistemas de produção e comercialização especializados e de onde são enviadas para o comércio exterior carcaças de categorias jovens (cordeiros) em sua grande maioria. O Brasil, como produtor de carne ovina, contribui com menos de 1% da produção mundial, apresentando abate médio anual de 970 mil animais (Sobrinho, 2002).

Em 2004 (ANUALPEC, 2004), a população ovina do Brasil era de 14.731.982 animais, sendo o maior rebanho o da região Nordeste, com 8.030.816, seguidos pela região Sul, com 5.077.543, e pela Sudeste com 403.988 animais. O Estado de São Paulo possuía um rebanho de 235.329 animais, o que representa mais de 50% do total da região Sudeste.

A espécie ovina como produtora de carne ocupa posição intermediária em relação às demais, sendo sua maior contribuição no sentido social. A maior importância reside no fato de ser fonte primordial de proteína para os povos de regiões como África, Oriente, Nordeste do Brasil e outros locais em que a vida é dificultosa. (Figueiró, 1979).

Medeiros (2001) considerou fundamental a organização da cadeia produtiva para dar sustentação ao agronegócio da ovinocultura. Mas, para tanto, deve-se estabelecer o padrão tecnológico e melhorar a percepção do que o consumidor deseja comprar, consumir, ou seja, o que ele está sinalizando para dentro da cadeia. O mecanismo de preço, isoladamente, não é suficiente para fazer com que o manejo, no âmbito das propriedades, se estenda da forma que a cadeia almeja. Em toda a cadeia produtiva há um fluxo de produtos e, em sentido contrário, ou-

tro fluxo de dinheiro que remunera a cadeia. No entanto, deve-se salientar a importância do fluxo da informação que percorre a cadeia como um todo e cada elo separadamente, mas atentos nas preferências do consumidor. O mesmo autor salientou, ainda, que o padrão a ser seguido é a cadeia produtiva das aves, na qual as informações chegam na hora e no tempo certos. Portanto, a qualquer mudança a informação deve ser internalizada rapidamente dentro da cadeia para que não se perca competitividade.

MATERIAL E MÉTODO

Este trabalho consistiu em uma pesquisa realizada com os diferentes atores da cadeia produtiva da ovinocultura paulista: “antes da porteira” (fornecedores de insumos, cooperativas), “dentro da porteira” (produtores de ovinos) e depois da porteira (abatedouros, butiques de carne, entrepostos e, principalmente, supermercados). Utilizou-se um questionário qualitativo semi-estruturado com seis questões. Foram distribuídos 267 questionários, sendo 227 pessoalmente, 28 enviados via correio eletrônico e outros 12 via correio, em abril de 2005.

Os resultados foram comparados por meio de análise descritiva, utilizando-se o MS Excel^R e agrupados em tabelas, objetivando melhor comparação, discussão e apresentação dos resultados semelhantes. (Lopes *et al.*, 2004).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 267 questionários enviados, apenas 48 (17%) foram respondidos, o que demonstrou desinteresse enorme pelos diferentes elos da cadeia produtiva. Vale salientar que somente um técnico da ASPACO (Associação Paulista de Criadores de Ovinos) colaborou com a pesquisa. Após a análise das informações e tabulação dos dados, pode-se verificar que responderam o questionário 20 criadores, sendo três (6,25%) varejistas criadores (butiques de carnes), 14 (29%) técnicos criadores (agrônomos, médicos veterinários, zootecnistas), três (6,25%) criadores, além de 28 (58,3%) técnicos atuantes na área (agrônomos, médicos veterinários, zootecnistas). Observou-se que poucos criadores tiveram interesse em responder o questionário. Mas, por outro lado, o número de profissionais atuantes na área de produção animal e ao mesmo tempo criador foi relevante. Esse fato permitiu uma análise mais consistente das respostas.

Na Tabela 1 podem ser observadas as raças mais criadas, bem como a quantidade média de animais por produtor. A raça predominante no Estado de São Paulo é a Santa Inês, criada por 16 produtores, entre 48 entrevistados. Tal fato se justifica por ser essa raça considerada mais resistente quanto à sanidade e adaptabilidade. Entretanto, há produtores que criam mais de uma raça, tendo como objetivo o cruzamento industrial (Tabela 1).

Tabela 1. Número de produtores e de animais por raça de ovinos criados no Estado de São Paulo

Raça	Quantidade de produtores	Quantidade de animais	Média
Santa Inês	16	3348	209
Texel	03	750	250
Sulfolk	03	45	15
Mestiços	03	110	36
Dorper	02	310	155
Dorper/Santa Inês	01	123	123
Pool Dorset	01	62	62
Samm	01	80	80
Ille de France	01	1.000	1.000

O sistema de criação mais utilizado era o semi-intensivo (Tabela 2), com 15 produtores (75%), enquanto o sistema intensivo era adotado por três produtores (15%) e o extensivo por dois (10%). Pode-se verificar na Tabela 3 que a ovinocultura era mantida em pequenas áreas, apesar de alguns criadores utilizarem grandes áreas com baixa lotação.

A maioria dos produtores (16) trabalhava com ciclo completo (cria, recria e engorda), e apenas sete utilizam

Tabela 2. Tipos de sistemas de produção utilizados pelos ovinocultores no Estado de São Paulo

Tipos de sistema de produção	Quantidade de produtores	%
Intensivo	03	15
Semi-intensivo	15	75
Extensivo	02	10
Total	20	100

Tabela 3. Área destinada para produção de ovinos

Área (ha)	Número de produtores	%
01 – 05	06	30
06 – 10	04	20
11 – 15	02	10
16 – 20	01	5
21 – 25	01	5
26 – 30	01	5
31 – 35	01	5
60 – 80	02	10
Mais 150	02	10
Total	20	100

Tabela 4. Sistema de comercialização dos animais utilizado pelos ovinocultores

Sistema de comercialização	Quantidade de produtores
Cooperativa	00
Frigoríficos	03
Associação	04
Outros	11
Mais de uma opção	02

um sistema de comercialização formal dos animais. O fato de 11 (Tabela 4) responderem que adotam outro sistema de comercialização permite concluir que o sistema de abate era realizado na propriedade, ou seja, de forma clandestina. Esse aspecto é muito relevante, porque indica que os produtores, além de estarem atuando em diversos elos da cadeia produtiva, podem estar induzindo indiretamente o consumidor a uma menor percepção da importância da inspeção dos produtos de origem animal e, conseqüentemente, da segurança alimentar.

Ao analisar os dados contidos na Tabela 5, pode-se concluir que o número de empregos diretos gerados pela atividade ainda é pequeno, pela sua recente implantação. Ao correlacionar essa informação com aquelas obtidas na Tabela 1, verifica-se que na maioria das propriedades há um funcionário para um grupo médio de 209 animais. Segundo KEPLER (2004), para cada emprego existente no campo há outros três ao longo da cadeia produtiva, dessa forma pode-se concluir que a cada mil ovinos criados teríamos a criação de 14 postos de trabalho. Esta oportunidade está sendo desperdiçada pelos diferentes agentes da cadeia produtiva como força de pressão política para solicitar mudanças das políticas agrícolas para o setor.

Pela Tabela 6 pode-se constatar que dos 20 criadores entrevistados, 11 (55%) estão na atividade há menos de oito anos. O fato de apenas três (15%) estarem a mais de 20 anos na atividade evidencia que a ovinocultura é uma exploração zootécnica convincente e em crescimento. Como pode ser observado na Tabela 6, houve crescimento contínuo no número de produtores que aderiram a criação, apresentando crescimento de 35% nos últimos três anos.

Tabela 5. Quantidade de funcionários envolvidos na ovinocultura

Quantidade de funcionários	Número de propriedades	%
01	06	46
02	03	23
03	00	00
04	03	23
05	01	7

Tabela 6. Tempo em exercício na ovinocultura

Tempo na atividade	Número de produtores	%
01-03 anos	07	35
04-07 anos	04	20
08-12 anos	04	20
13-16 anos	02	10
Mais 20 anos	03	15

Como o sistema de produção predominante é semi-intensivo, verificou-se que a maioria dos produtores utiliza diferentes alimentos (Tabela 7) para a estação seca do ano. Os alimentos conservados na forma de silagens são empregados por 17 (85%) produtores. Por outro lado, sete (35%) fornecem forrageiras na forma de feno e 35% utilizam forrageiras de corte. A maioria dos produtores também utiliza pastagens artificiais (Tabela 8) para a produção, o que denota a adoção de tecnologia nesta área. Isso ocorre pelo fato da maioria dos produtores serem técnicos também.

Somente 10 criadores (50%) utilizam os recursos da informática na gestão dos negócios, apesar de que 17 deles (85%) sabiam que há softwares específicos para o gerenciamento da criação. Percebe-se que a escrituração zootécnica informatizada é um aspecto negligenciado pe-

Tabela 7. Tipos de alimentos utilizados no período seco do ano

Tipo de alimento	Quantidade de produtores
Silagem	17
Ração	06
Feno	05
Cana-de-açúcar	05
Somente pasto	03
Cevada	02
Capineiras	02
Resíduos de indústria	02
Proteinado	01
Sorgo granífero	01

Tabela 8. Espécies de gramíneas utilizadas para formação de pastagem

Espécie de gramínea	Número de produtores
Estrela (<i>Cynodon spp</i>)	07
Massay MG5 (<i>Brachiaria brizantha</i>)	01
Aruana (<i>Panicum maximum</i>)	04
Tifton (<i>Cynodon spp</i>)	01
Braquiária (<i>Brachiaria decumbens</i>)	07
Mato grosso (<i>Paspalum mnotatum</i>)	03
Tanzânia (<i>Panicum maximum</i>)	04
Coast cross (<i>Cynodon dactylon</i>)	02
Braquiarião (<i>Brachiaria brizantha</i>)	01
Jiggs (<i>Cynodon spp</i>)	01

los produtores, o que dificulta a tomada de decisões na propriedade rural. De acordo com Lopes (1997), a utilização de sistemas computadorizados de informação é considerada ferramenta importante no monitoramento de rebanhos. Tais sistemas têm como objetivo avaliar o passado, monitorar o presente e prever o futuro, permitindo maior controle do rebanho através do fluxo contínuo de informações precisas e rápidas. Essas informações favorecem a tomada de decisões mais acertadas pelos produtores, possibilitando melhor avaliação do desempenho produtivo e reprodutivo dos animais, reduzindo custos e, como consequência, aumentando o desempenho desses rebanhos.

Sete criadores salientaram que a rastreabilidade é necessária; no entanto, dois entrevistados acreditam que ela deve ser implantada em longo prazo. Para outros dois produtores, a rastreabilidade deve ser uma via de dois sentidos: uma dos frigoríficos, com o controle do abate e classificação de carcaças, e outra no sentido do produtor, com melhor remuneração. Somente dois produtores sugeriram a sua implantação, por ser a produção de ovinos de ciclo mais curto, portanto, mais rápida para ser consolidada. Oito criadores sugeriram que a rastreabilidade somente deverá ser implantada pelo governo e supervisionada pelas associações de criadores. Por outro lado, quatro apontaram que será necessária apenas quando houver exportação de carne ovina. A rastreabilidade na atividade zootécnica somente é percebida pelo produtor como um ônus. Ele não é capaz de percebê-la como importante fonte geradora de dados que irão nortear toda a cadeia produtiva da ovinocultura facilitando a consolidação desta atividade por meio de informações consistentes. Martins e Lopes (2003), ao discutirem diferentes aspectos da rastreabilidade, destacaram a importância desses como instrumento de gestão dos sistemas de produção animal.

CONCLUSÕES

A ovinocultura no Estado de São Paulo está em crescimento com o aumento do número de criadores e apresentando potencial de criação de mão-de-obra indireta. Predomina a criação com ciclo completo de animais da raça Santa Inês em sistema semi-extensivo, sob pastagens cultivadas e em pequenas áreas. O sistema de comercialização dominante pode ser caracterizado como informal. A utilização da informática como forma de decisão foi pequena.

REFERÊNCIA

- ANUALPEC (2000): Anuário da Pecuária Brasileira, São Paulo. FNP, 2000.
- ANUALPEC (2004): Anuário da Pecuária Brasileira, São Paulo. FNP, 2004. Suinocultura e outras criações, 2004.p. 267-318.

- ASPACO (2005). Disponível em <http://www.aspaco.org.br>. Acesso em: 27/03/05.
- Figueiró PRP (1979) Rendimento de carcaças em ovinos no Rio Grande do Sul. In Jornada Técnica de Produção Ovina no Rio Grande do Sul, 1, Bagé. Anais...: EMBRAPA, 1979. p.65-67.
- Kepler EF (2004) O enfoque de cadeia produtiva como estratégia para a produção sustentável de carne bovina. Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Zootecnia, 41, 2004, Campo Grande. Anais... Campo Grande, 2004, CD-ROOM.
- Lopes MA (1997) Informática aplicada a bovinocultura. Jaboticabal: FUNEP, 82 p.
- Lopes MA, Lima ALR, Carvalho F de M, Reis RP, Santos IC, Saraiva FH (2004) Controle gerencial e estudo da rentabilidade de sistemas de produção de leite na região de Lavras (MG) Revista Ciência e Agrotecnologia. 28: 883-892.
- Martins FM, Lopes MA (2003) Rastreabilidade bovina no Brasil. Lavras, UFLA. 83p. (Boletim Agropecuário, 55).
- Medeiros JX (2001) Situação atual das cadeias produtivas. In: Seminário de Apoio à Cadeia Produtiva da Ovinocaprinocultura Brasileira, 4, 2001, Brasília. Anais... Brasília: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, p. 16-21.
- SEBRAE (2005). Disponível em <http://www.sebrae.com.Br>. Acesso em 25/05/05.
- Sobrinho GS (2002) Aspectos quantitativos e qualitativos da produção de carne ovina. In: Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Zootecnia, 39, Fortaleza. Anais... Fortaleza, CD-ROOM.